



# SINGULARIDADES ARQUITETÓNICAS DO FUNCHAL

## Introdução



Não é fácil explicar a prodigiosa variedade de cores, de pormenores arquitectónicos, de inesperados trechos e recantos que nos fazem estranhar e amar uma cidade. Toda a cidade tem, com efeito, as suas singularidades urbanas e arquitectónicas.

Este guia não pretende levar a cabo a espinhosa, e provavelmente impossível, tarefa de as inventariar a todas. Trata-se antes, de chamar a atenção para algumas delas, tentando satisfazer a curiosidade que possam despertar nos viajantes mais interessados.

Na maioria dos casos, estas singularidades não são mais do que adaptações a um lugar, a um clima, a uma luz - ou até a uma pedra, rija ou branda - de soluções que têm origem em outros contextos geográficos e culturais. É, todavia, deste processo *darwiniano* de adaptação da forma ao

FUNCHAL

## Singularidades Arquitectónicas

novo meio que resulta, em larga medida, o carácter diverso das cidades. O Funchal, a primeira cidade levantada fora da Europa pelos portugueses, tem todas as características de uma cidade litoral portuguesa.

De um lento processo adaptativo resultaram, porém, na antiga urbe de intramuros, algumas particularidades morfológicas, entre as quais, para só citar duas, estão as esbeltas torres avista-navios, de onde se perscrutava o movimento portuário, ou os fornos de pão em consola dos quais ainda hoje restam alguns exemplos no velho bairro de Santa Maria do Calhau.

Apresentam-se aqui, portanto, estas e outras singularidades, na esperança de que, conhecendo-as melhor, não se dissipe no curioso a estranheza e sedução que, à primeira vista, elas sempre exercem.



FUNCHAL

## Índice

6

Casinha de Prazer



8

Varanda de Repouso



10

Lambrequim



12

Calçada



14

Torre Avista Navios



16

Mirante Dona Guiomar



18

Forno de Pão



20

Ponte D. Manuel



22

Museu Francisco Franco



FUNCHAL

## Singularidades Arquitetónicas



Capela das Almas Pobres

24



Porta Manuelina

26



Pilar de Banger

28



Varanda do Paço Episcopal

30



Residência do Cônsul

32



Igreja Inglesa

34



Fontanário

36



Jardim do Hospício

38



Passo Processional

40

FUNCHAL

## CALÇADA DE SANTA CLARA



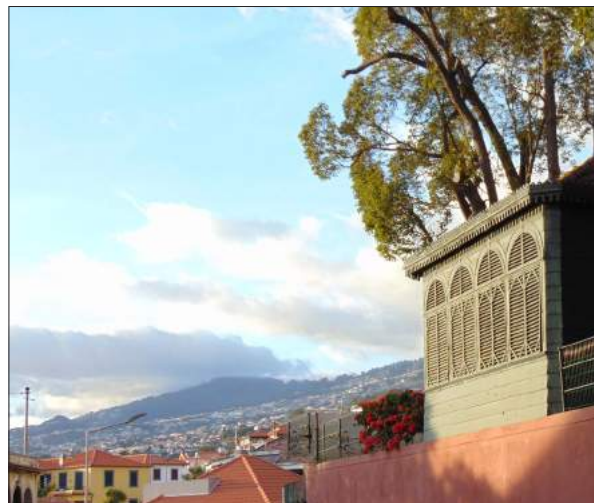
Empoleiradas nos muros altos dos jardins, debruçando-se sobre a rua e o mar, as “casinhas de prazer” são, simultaneamente, refúgios e mirantes, onde próximo e o longínquo se entrelaçam. É ao abrigo das suas venezianas, protegido do sol e dos olhares indiscretos, que o melancólico dilema da alma insular se consuma: bisbilhotar o próximo e contemplar o longínquo. Talvez por isso, estas casinhas sejam a mais genuína das singularidades arquitetónicas do Funchal. Não pode, é certo, excluir-se a influência do jardim inglês oi-



6 - Singularidades Arquitectónicas do Funchal

## CASINHA DE PRAZER

tocentista, com os seus gazebos ou *kioskes* de inspiração oriental (pequenos pavilhões quase sempre associados à contemplação da natureza). A presença de uma influente comunidade britânica na Madeira, durante o século XIX, poderá estar na origem destas pequenas construções, havendo mesmo quem tivesse aventado a hipótese de o termo casinha de prazer - que não existe senão na Madeira - fosse uma tradução de *house of pleasure*, utilizado por Marco Polo na descrição dos jardins do palácio de Kubla Kan (divulgado por Coleridge, no seu poema com o mesmo nome). Seja como for, não existe jardim de casa oitocentista madeirense que não tenha a sua “casinha de prazer”.



Singularidades Arquitectónicas do Funchal - 7

## CALÇADA DE SANTA CLARA



Neste nobre edifício setecentista, hoje ocupado por um lar de terceira idade e alguns serviços do Governo Regional, esteve instalado, na segunda metade do século XIX, o Reid's Santa Clara, que foi na sua época o mais luxuoso hotel do Funchal. À semelhança dos seus congéneres, o hotel possuía uma varanda de repouso - alpendre espaçoso onde os hóspedes, reclinados em confortáveis cadeiras de vime, usufruíam da amenidade do clima da Madeira sorvendo as propriedades curativas do ar puro. A contemplação da paisagem era outro dos atrativos desta varanda, como poderá



## VARANDA DE REPOUSO

constatar quem conseguir autorização para a visitar. Quem não conseguir, poderá sempre admirá-la ao subir a calçada de Santa Clara. Com a inusitada forma da proa de um navio, o alpendre apoiado em esbeltos pilaretes de ferro forjado e lambrequim bordado a verde e branco, foi uma das mais requintadas varandas de repouso do Funchal oitocentista.





## RUA DA CARREIRA



Chama-se lambrequim ao ornamento em madeira recortada que tanto pode correr sob os beirais de um telhado como sob a verga das portas e janelas exteriores de uma casa. Neste último caso, o lambrequim destina-se a encobrir a suspensão da gelosia que, quando totalmente recolhida, fica oculta por detrás dele. Tempos houve em que estas gelosias, volantes móveis formados por pequenas tábuas delgadas que se podem baixar e levantar à vontade, eram um apetrecho comum nas fachadas das casas mais ricas do Funchal. Hoje começam a ser uma raridade. Ao contrário das venezianas, ou tapa-sóis (termo que na Madeira se utiliza para designar as portadas exteriores com lâminas de madeira horizontais inclinadas em quebra-luz) as gelosias podiam ser



## LAMBREQUIM

manobradas para espiar o que se passava na rua sem ser visto. Descidas nas janelas em dias de sol, essas tabuinhas verdes, eram “como pálpebras pesadas de langor e de sono” (assim as descreveu *Eça de Queiroz* na sua imaginativa prosa). Mais económico e mais prático, o tapa-sol foi substituindo a gelosia desde finais do século XIX. Dela resta-nos hoje o lambrequim, esse aparatoso remate em rendilhados de madeira pintada que tanto brilho dá às fachadas setecentistas do Funchal. É percorrer a Rua da Carreira num dia de sol.



## PRAÇA DO MUNICÍPIO



Tradicionalmente constituída por seixo basáltico rolado (por vezes com a inserção de motivos decorativos de cor mais clara proveniente das rochas sedimentares de origem local), a calçada madeirense tem, provavelmente, origem mais remota que a famosa calçada portuguesa que pavimenta os passeios e as praças de Lisboa. Com efeito, tendo atingido o seu apogeu nos séculos XVIII e XIX, as calçadas em calhau, ou seixo rolado, que encontramos em algumas ruas do Funchal (e em considerável abundância nos jardins públicos e privados madeirenses) remontam aos sécu-



## CALÇADA

los iniciais do povoamento. O motivo da concha, que o arquiteto paisagista Caldeira Cabral utilizou na Praça do Município, nos anos 40 do século passado, combinando o basalto local com o calcário importado do continente, é de efeito surpreendente. O mesmo motivo, a mesma concha (que parece ter tido como regra de composição geométrica o alcance do braço do calceteiro), reaparece em seixo rolado de basalto no largo da Capela de Santo António da Mouraria junto à Assembleia Regional. Vale a pena compará-los entre si, ou compará-los com tantas outras calçadas que pavimentam as ruas e jardins do Funchal.



## RUA DO BISPO



A torre-avista-navios é uma curiosa singularidade da arquitetura do Funchal que atingiu o seu apogeu na transição do século XVIII para o XIX, como resultado da riqueza gerada pelo comércio do vinho. Originalmente, estas torres constituíam pontos de observação do porto e do seu movimento, permitindo colher informação vital para o comércio quotidiano de uma população que dependia totalmente do tráfego marítimo. Podiam ocupar duas posições: ou recuadas relativamente ao plano da fachada ou coplanares com esta, fazendo, nesse caso, parte integrante da sua composição. Mas a torre-avista-navios tinha ainda outras funções:



14 - Singularidades Arquitectónicas do Funchal

## TORRE AVISTA NAVIOS

destinava-se não só a observar o movimento portuário como também a assinalar o protagonismo social do seu proprietário. Não é, pois, de estranhar, que as gravuras e fotografias do Funchal oitocentista nos mostrem a imagem de uma cidade com um perfil torreado, da qual subsistem hoje apenas alguns testemunhos. Pela sua massiva e imponente presença, a torre-avista-navios do palácio dos Ornelas - influente família da aristocracia madeirense que residia à Rua do Bispo - é um dos exemplares mais notáveis deste dispositivo arquitetónico, que demonstra bem a sua dupla função. A praça de Colombo, que resultou da demolição recente de um quarteirão, é outro dos locais onde se tornaram visíveis algumas destas torres que as ruas estreitas da antiga cidade de intramuros raramente deixavam ver.



Singularidades Arquitectónicas do Funchal - 15



## AVENIDA DO INFANTE



Construído na segunda metade do século XVIII, o mirante de D. Guiomar evidencia bem a austera feição da arquitetura insular dessa época: um volume compacto de dois pisos, planta quadrada e fachada com os vãos de sacada guarnecidos por cantarias basálticas de recorte clássico. Mas o que nesta notável peça de arquitetura constitui motivo acrescido de interesse é o facto de se tratar de uma torre-avista-navios destacada da casa da qual deveria fazer parte integrante. Implantada na crista da arriba, das suas varandas era possível avistar com grande eficácia todo o porto do Funchal e o seu movimento. Esta terá sido, aliás, a razão pela qual a sua proprietária, a



16 - Singularidades Arquitectónicas do Funchal

## MIRANTE DONA GUIOMAR

“ilustríssima senhora” D. Guiomar Madalena de Sá Vasconcelos Bettencourt Machado e Vilhena poderosa *terratenente* e comerciante de vinhos da Madeira, proprietária da Quinta das Angústias, a terá mandado construir naquele local. Interessante caso de protagonismo feminino no universo comercial (e até político) da Madeira setecentista, D. Guiomar tomou posse da Quinta em 1766, tendo procedido à sua reformulação, que incluiu a construção do mirante. No século seguinte, a Quinta das Angústias viria a se transformar na mais cobiçada e mais cara quinta de aluguer madeirense. Nela se instalaram algumas figuras da aristocracia europeia como a rainha Adelaide de Inglaterra (1847), o príncipe Maximiliano, duque de *Leuchtemberg* (1850) e a imperatriz do Brasil, viúva, com sua filha, a princesa D. Maria Amélia (1852).



Singularidades Arquitectónicas do Funchal - 17

## TRAVESSA DO PORTÃO



Uma das fontes de rendimento dos capitães donatários eram as taxas que cobravam sobre os chamados fornos de “pão de poia” (fornos coletivos onde a população cozia o seu pão). Estes coexistiam com os fornos de pão doméstico que serviam apenas ao agregado familiar. No Funchal, quando as cozinhas das casas se situavam no primeiro andar, os fornos caseiros assumiam a forma de curiosas protuberâncias cilíndricas que se destacavam da fachada, suportadas por lajes de cantaria em consola. Estes fornos partilhavam com o lar (o lugar onde eram confeccionados os alimentos), a mesma chaminé, não sendo



## FORNO DE PÃO

raro encontrar nas cozinhas das velhas casas do Funchal, aninhada debaixo do apanha-fumos, a pequena porta do forno de pão. Eis, pois, uma verdadeira singularidade da casa insular da qual subsistem ainda, no bairros mais antigos da cidade, alguns curiosos exemplos.



## RUA 31 DE JANEIRO



Mandada construir por D. *Manuel de Portugal e Castro*, Governador da Madeira no primeiro quartel do século XIX, esta é, provavelmente, a ponte mais antiga do Funchal. Com efeito, todas as que a antecederam, fossem elas em madeira (como o foram as primeiras, no século XV) ou em cantaria, acabariam por ser destruídas pelas aluviões que ciclicamente assolaram a cidade, ou pelas obras de encanamento das ribeiras que lhes sucederam. A ponte D. Manuel é de considerável esbelteza, com tabuleiro rampante assente sobre um arco abatido. Este apoia-se nas sólidas muralhas concebidas pelo Brigadeiro *Oudinot* na sequência da



## PONTE D. MANUEL

trágica aluvião de 1803. Mas a singularidade da Ponte D. Manuel reside, fundamentalmente, no revestimento e morfologia do seu tabuleiro. Feito em calçada de seixo basáltico, este apresenta degraus abaulados com largura correspondente à passada de um boi (a chamada "calçada pé-de-boi"), por forma a adaptar-se à frequente utilização destes animais na tração dos veículos de arrasto (as famosas "coursas"). Pouco cómoda para o peão, esta ponte servia com eficácia a esses antigos veículos de transporte de mercadorias, hoje desaparecidos das ruas do Funchal.





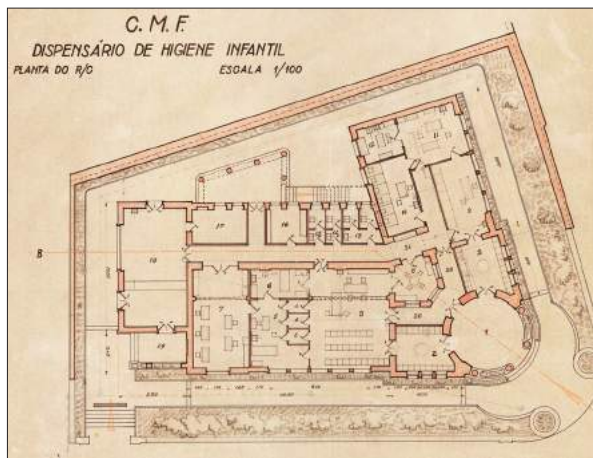
## RUA JOÃO DE DEUS



Projetado pelo engenheiro *José Nascimento de Sousa* no início da década de 40 do século XX, destinado a funcionar como equipamento de apoio aos recém nascidos e suas mães, o Auxílio Materno-Infantil é hoje um museu camarário dedicado a Henrique e Francisco Franco. Trata-se de um interessantíssimo exemplar de uma arquitetura que, dentro do espírito da sua época, pretendia “erguer uma construção de aspeto nacional” (palavras de Luís Benavente, o arquiteto que, em 1937, concebeu o projeto-tipo para as Casas da Criança). A curiosa forma do alpendre circular com colonata, inspi-

## MUSEU FRANCISCO FRANCO

rado na Escola-Museu João de Deus (1917) da autoria de Raul Lino, acabaria por se transformar no elemento distintivo das Casas da Criança que viriam a ser projetadas pelo próprio Benavente e outros arquitetos portugueses. Acontece, todavia, que nenhum destes projetos alcançou o fôlego do Auxílio Materno-Infantil. José Nascimento de Sousa não se limitou a adaptar maquinalmente o *projecto-tipo* aos condicionalismos do local. Utilizando o alpendre circular como articulação entre os dois corpos mais baixos que contém as áreas encerradas do edifício, o jovem engenheiro conseguiu a inusitada proeza de alcançar a justa proporção entre todos os volumes que compõem o conjunto encaixando-os com maestria no gaveto das ruas João de Deus com a Alferes Veiga Pestana.





## TRAVESSA DAS CAPUCHINHAS



A Capela das Almas Pobres foi construída em 1871 no cotovelo da Travessa das Capuchinhas. Reza a lenda, por iniciativa de alguém que, nesse mesmo lugar, graças à interferência das almas do Purgatório, escapou a um atentado. Temos de ter presente, todavia, que em 1871 a dita travessa não tinha o desafogo que hoje tem. Na verdade, era apenas uma estreita viela, ladeada por uma agreste arriba rochosa e pelo alto muro do Convento de Nossa Senhora das Mercês. Não é, pois, difícil de imaginar o temor que sentiria quem por ali se aventurasse alta noite. Desse temor terá, provavelmente, nascido a lenda do atentado. Quanto à capela cavada na rocha, não deixa de ser um interessante exemplar de uma tipologia construtiva ligada aos primórdios do povoamento (para não dizer aos primórdios da Humanidade): as furnas. Existem, aliás, na Madeira, outras duas pequenas capelas escavadas na rocha: a de São Vicente (1692), na foz da ribeira com o mesmo nome, e a de Nossa Senhora da Penha de França (1685) na freguesia do Faial. Na sua fachada, a Capela das Almas Pobres ostenta um azulejo de meados do século XVIII, representando uma alma do purgatório entre chamas e, no seu interior, é visível um retábulo em talha pintada com óleo sobre tela, de oficina popular. Quem a visi-

## CAPELA DAS ALMAS POBRES

tar não precisa de ter receio de atentados, recomenda-se, todavia, que olhe para os dois lados antes de atravessar a travessa.



## RUA DA ALFÂNDEGA



Integrada na campanha de construção de novos edifícios públicos que o rei D. Manuel I levou a cabo no Funchal durante o seu reinado, a construção da Alfândega Nova ficou concluída em 1519, sucedendo, assim, à da Câmara e à da Sé. Esta última encontrava-se, aliás, em fase de conclusão quando tiveram início as obras da Alfândega, também elas entregues ao mestre *Pero Anes*, que havia já sido o responsável pela execução dos sumptuosos tetos de alfarge da Catedral. No decurso da sua longa existência ao serviço da coroa portuguesa, o edifício da Alfândega sofreu múltiplas alterações, destinadas a adaptá-lo às novas necessidades que iam surgindo. De tal sorte que, do antigo núcleo manuelino, pouco sobreviveu até aos dias de hoje. O terramoto de 1748 viria a danificar profundamente as instalações, obrigando a uma remodelação profunda de todo o conjunto. Finalmente, quando nos anos 60 do século passado se realizaram obras de restauro das fachadas, adjacente ao cunhal noroeste do edifício, abrindo sobre a rua da Alfândega, foi desentapada uma pequena porta armoriada de recorte manuelino, que se pensa ter servido às instalações pessoais do provedor da Fazenda Real. O desgaste que o tempo lhe

## PORTA MANUELINA

infligiu não apaga o singular interesse deste pequeno vão que nos faz recordar o Funchal quinhentista, a próspera cidade do açúcar.



## AVENIDA DO MAR



Construído em 1798 pelo comerciante inglês *John Light Banger* sobre um afloramento rochoso da praia do Funchal, o Pilar de *Banger* foi, durante os seus 141 anos de existência, uma das singularidades mais desenhadas, pintadas e fotografadas da capital do arquipélago. Tinha quase 30 metros de altura e fora concebido para servir como guindaste e cabrestante no transporte das mercadorias dos navios que fundeavam na baía da cidade. O seu objetivo era recolher essas mercadorias isentando o comerciante



## PILAR DE BANGER

das taxas alfandegárias ligadas às operações de embarque e desembarque (o que numa cidade, à época, quase desprovida de infraestruturas portuárias, faria, certamente, todo o sentido). O aumento da envergadura das embarcações e o assoreamento da baía acabariam por tornar inviável esta prática e, em meados do século XIX, o pilar passaria a ter funções mais prosaicas: assinalar quais os navios que entravam no porto, hasteando a respetiva bandeira comercial, ou embandeirar em arco em dias festivos. Acabou por ser demolido em 1939, quando da abertura da avenida do Mar. Restam hoje as pedras de arranque desta singular construção, dispostas num canteiro que ladeia a avenida.





## RUA DO BISPO

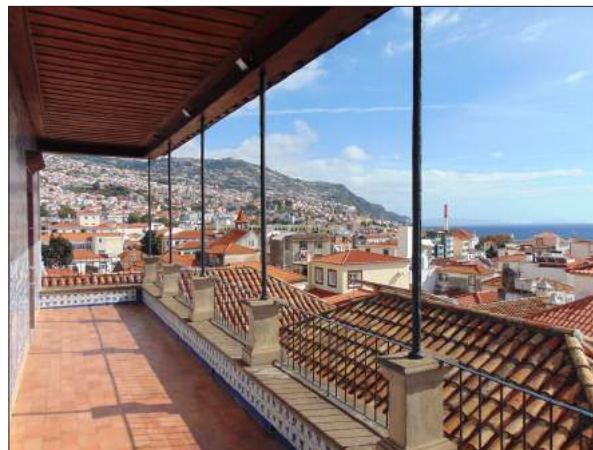


Reconstruído após o terramoto de 1748 com risco do mestre de obras reais Domingos Rodrigues Martins, o Paço Episcopal alberga hoje o *Museu Diocesano de Arte Sacra*. Trata-se de um austero solar urbano cujas fachadas, à semelhança de muitos outros exemplares da arquitetura insular da mesma época, ostenta sobre a caiação das suas fachadas planas vãos ricamente guarnecidos na escura cantaria basáltica da região. Também aqui se ergue, acima das construções vizinhas, a característica torre-avista-navios, destinada a observar o porto: neste caso uma larga torre com varanda alpendrada



## VARANDA DO PAÇO EPISCOPAL

que se abre ao mar. A varanda está ao alcance dos visitantes do Museu de Arte Sacra (e vale a pena dar-se a esse trabalho!). O seu alpendre, apoiado em seis esbeltas colunas de ferro, assentes sobre plintos de cantaria, sombreia uma fachada com dois vãos que definem três panos totalmente revestidos a azulejo. Os painéis, em "azul e branco", representam as três virtudes teológicas: "Fé", "Esperança" e "Caridade", com legendas em latim. De acordo com os especialistas, a avaliar pelos emolduramentos *rocaille* com "asa de morcego" e "*capitonê*", serão datáveis de 1745 a 1750. Eis, pois, uma oportunidade única de conviver com a azulejaria portuguesa, a nobre arquitetura insular do século XVIII e a magnífica paisagem do antigo Funchal de intramuros. Uma singularidade a não perder.





## RUA 5 DE OUTUBRO



Para além de abastado comerciante de vinhos, *Henry Veitch*, o influente cônsul britânico na Madeira, cujo mandato se prolongou de 1809 a 1836, era também um *amateur-architect*. São-lhe atribuídos vários edifícios construídos na ilha, entre os quais a sua própria residência no Funchal (atual Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira). Concluída no início da segunda década do século XIX, esta residência alberga lado a lado habitação e adega, num volume compacto de três pisos, solução inovadora e sem paralelo na arquitetura doméstica insular da sua época.



## RESIDÊNCIA DO CÔNSUL

Elevando-se acima deste volume, ergue-se, ainda, uma esguia torre-avista-navios (talvez a mais elevada de então). Foi a partir dela que *Bowdich*, o naturalista inglês que visitou a ilha em 1823, fez observações meteorológicas. Outra inovação arquitetónica introduzida pelo cônsul foi a utilização da *bow window*, volume cilíndrico que aparece na fachada sul e que viria a ser profusamente utilizado em todos os edifícios que os britânicos construíram na Madeira. O que caracteriza, todavia, esta casa, é a surpreendente inventiva do seu desenho, que parece transcender a mera adaptação de um projeto tipo colhido num *pattern book* (prática corrente nas comunidades britânicas espalhadas pelo mundo no século) e faz da arquitetura de *Veitch* um caso singular no arquipélago.



## RUA DO QUEBRA COSTAS



A decisão de construir uma igreja protestante na Madeira nasceu em 1808, durante a ocupação Inglesa e ganhou asas quando, em 1810, Portugal assinou com a Inglaterra o tratado de Aliança e Amizade que instituiu a liberdade de culto. O projeto foi encomendado ao cônsul britânico na ilha, Henry Veitch, pela British Factory (os representantes da comunidade britânica residente) numa reunião que teve lugar, precisamente, em 1810. A igreja, que viria a ser inaugurada apenas em 1822, é um edifício neoclássico de invulgar erudição, o que nos faz duvidar que o seu traçado tenha saído das mãos do cônsul, um *amateur-architect*. Nas



## IGREJA INGLESA

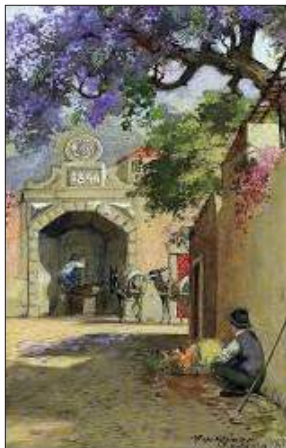
suas palavras, tratava-se de um “elegante edifício, quadrado no exterior com uma colonata circular no interior, suportando uma galeria da qual aranca uma esplêndida cúpula com lanternim que ilumina a igreja”. Mas o que tem de mais curioso este pequeno templo, a sua verdadeira singularidade é, em primeiro lugar, a localização: ao contrário de qualquer outra igreja ela não dá para uma rua e, muito menos, para um largo, está escondida no interior de um quarteirão e rodeada por pequeno e agradável jardim; em segundo, o facto de não ter campanário, o que a torna irreconhecível como templo. A explicação é óbvia: não era aconselhável a uma comunidade protestante a residir numa ilha predominantemente católica, erguer um templo cuja arquitetura competisse com a das igrejas que então existiam no Funchal.



## LARGO DAS CRUZES



Durante séculos, os fontanários abasteceram as cidades de água potável tendo sido muitas vezes desenhados por arquitetos ou escultores. O funchal não foi exceção, sendo possível encontrar, ainda hoje, nas suas ruas e praças, alguns interessantes exemplares deste equipamento urbano. As campanhas de higienização e aformoseamento, levadas a cabo no século XIX, deram origem a inúmeros fontanários. Caso curioso foi o da rua Imperatriz Dona Amélia que, inicialmente, foi concebido em 1817 para servir a futura Cidade das Angústias (o novo Funchal que se planeava construir na zona dos Ilhéus a salvo dos cíclicos



## FONTANÁRIO

cos aluviões que fustigavam a baixa da cidade). Remodelado em 1842, acabaria por ser a única construção resultante do megalómano plano que nunca chegou a concretizar-se. Na confluência da Rua do Favila com o Largo António Nobre é possível encontrar outro exemplar oitocentista (1867) decorado em 1930 por uma composição azulejar de grande efeito alusiva aos meios de transporte madeirenses. Nos anos 30 do século XX, a cidade foi objeto de várias intervenções urbanísticas que ficaram a cargo do arquiteto Carlos Ramos. O seu atelier concebeu, para o efeito, um novo conjunto de fontanários e alguns melhoramentos nos existentes. O seu desenho caracteriza-se pela combinação eclética de alguns motivos historicistas com o azulejo monocromático aplicado em padrões reminentes do geometrismo *art deco*.



## AVENIDA DO INFANTE



Mandado construir pela Imperatriz Dona Amélia em homenagem a sua filha, falecida de tuberculose no Funchal em 1853, o Hospício é o primeiro sanatório português, e um dos raros exemplares, ainda intactos, do que de melhor se fez na arquitetura hospitalar da sua época. O pequeno hospital e o seu jardim, constituem hoje um conjunto monumental de grande significado para a Madeira. Pena é que, tal como sucedia há 150 anos, não continue a fazer parte do itinerário turístico dos visitantes da ilha, no passado atraídos pela nobre e trágica proporção da arquitetura e pela beleza e exuberância do jardim. Trata-se de um jardim tipicamente romântico em que o irregular, o acidental e o



## JARDIM DO HOSPÍCIO

assimétrico prevalecem sobre o geometrismo dos traçados clássicos. Estes últimos apareciam sobretudo nas traseiras do edifício, hoje profundamente transformadas. Esta eclética convivência de traçados (irregulares e geométricos), bem como o uso das espécies exóticas e da horticultura ornamental, fazem dele um típico resultante das teorias de Loudon, o famoso paisagista inglês. O Hospício Princesa D. Maria Amélia é hoje um lar de terceira idade e o jardim transformou-se em lugar de estadia e repouso dos seus residentes. As suas portas mantêm-se, todavia, abertas aos visitantes. Belíssimas portas, ladeadas por dois majestosos dragoeiros (*Draceana draco*). Quem tiver vontade de as franquear poderá admirar toda a riqueza florística do jardim, a filigrana de seixo basáltico dos seus caminhos e, sendo agosto, a exuberante floração da Acácia-rubra (*Delonix regia*).



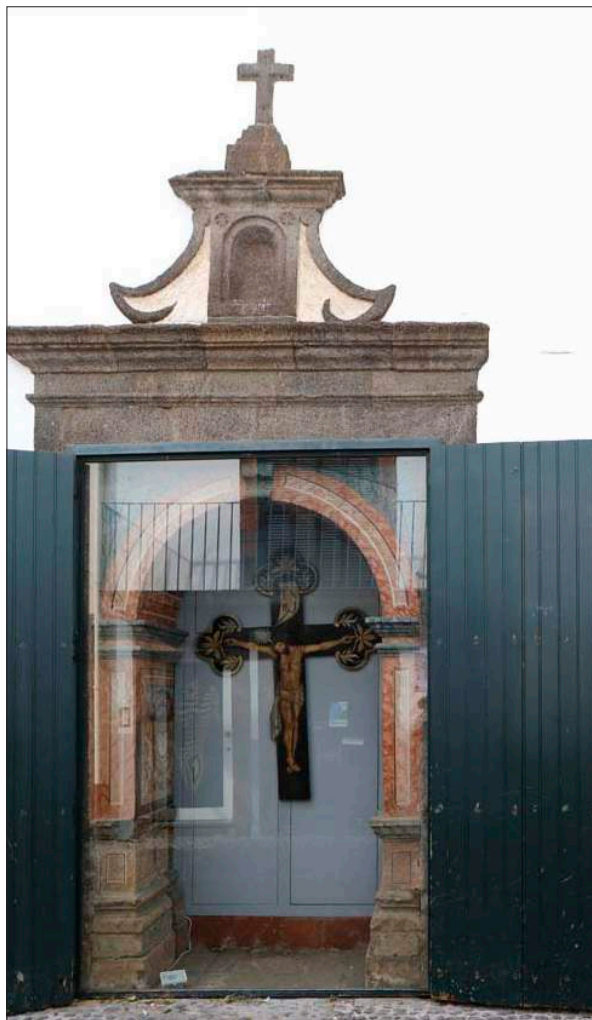


## RUA DE SANTA MARIA



Os passos processionais, ou “passos da paixão”, são oratórios construídos em ruas ou praças da cidade representando os tormentos de Cristo. Junto a cada um deles parava, por breves instantes, a procissão dos Passos do Senhor, que tinha lugar no terceiro domingo da Quaresma. Com o seu cortejo de penitentes armados de flagelos ou carregando pesadas barras de ferro, esta procissão representou, durante muitos anos, um dos momentos de maior devoção da população católica da cidade. Dos cinco passos que havia no Funchal restam hoje apenas dois: um no Largo do Pelourinho e outro na Rua de Santa Maria, ambos construídos na primeira metade do século XVIII. Resguardados por portadas de madeira duplas, só abriam nos dias de procissão ou por ocasião de alguma outra festividade religiosa. Apostos às fachadas das casas, estes altares de parede eram guarnecidos por ombreiras e lintéis em cantaria da região e encimados por frontões coroados pela cruz. Feito ao gosto do barroco insular da época, o passo processional do Largo do Pelourinho, com o seu nicho em arco de volta perfeita emoldurado por cantaria vermelha do Cabo Girão e encimado por um alto frontão que ostenta as armas de fé dos jesuítas, IHS (*Iesus Hominum Salvator*), é o mais aparatoso dos dois passos processionais que sobreviveram no Funchal.

## PASSO PROCESSIONAL



## FICHA TÉCNICA

**Título:** Singularidades Arquitetónicas do Funchal

**Autor:** Rui Campos Matos, Professor, Arquiteto

**Coordenação Editorial:** Jóias de Cultura, Lda.

**site:** [www.livraria-joias-de-cultura.pt](http://www.livraria-joias-de-cultura.pt)

**e-mail:** [joiasdeculturabooks@gmail.com](mailto:joiasdeculturabooks@gmail.com)

**Edição e paginação:** Marta Ferraz

**Design:** Rui Teles

**Impressão e Acabamento:** Rainho & Neves, Lda. - Portugal

**Tiragem:** 2.000 exemplares

**Primeira Edição:** Setembro 2019

**Fotos:** David Francisco - 9b, 12b, 14a, 20b, 21b, 26, 30a, 32b e 41; Rui Campos Matos - 8a, 16b, 23b, 28b, 32a, 33, 34b, 35, 36b, 36c, 38a e 39; Rui Teles - restantes fotos.

**Ilustrações:** Página 19: 19b - Aguarela de Frank Dillon (1850), "View looking up the Santa Luzia River", dos arquivos da Casa Museu Frederico de Freitas; Página 22: 22b - dos arquivos da Câmara Municipal do Funchal (CMF); Página 36: 36c - Aguarela de Max Romer.

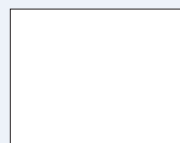
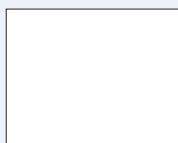
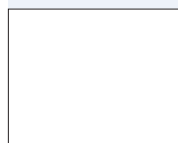
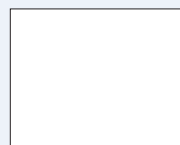
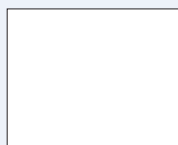
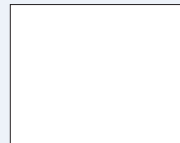
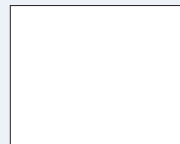
**Mapas:** Mapa da cidade em 1910, da autoria dos irmãos Trigo, arquivos da CMF - Direção Geral de Cultura-Madeira (DRC-M); Mapa actual do Funchal - arquivos da CMF.

**Depósito Legal Nrº:** 459443/2019

**Propriedade:** Câmara Municipal do Funchal (CMF) - Madeira

Todos os direitos reservados de harmonia com a lei em vigor.

## BOLSA para MAPA



Toda a cidade tem as suas singularidades urbanas e arquitetónicas: adaptações a um lugar, a um clima ou a uma luz, de soluções que têm origem em outros contextos geográficos e culturais.

É delas que resulta, em larga medida, o carácter diverso das cidades e da estranha sedução que exercem sobre quem as vê pela primeira vez.

Este guia chama a atenção para algumas dessas singularidades, tentando satisfazer a curiosidade dos seus visitantes.



<http://www.visitfunchal.pt/>

